

***Erwartung*: o caráter de expectativa da angústia no tratamento psicanalítico**

Evandro de Quadros Cherer

Resumo

A partir do pensamento freudiano, Lacan pôde localizar determinada relação entre angústia e expectativa, pondo em destaque o termo alemão *Erwartung*. Considerando isso, o presente estudo tem como objetivo investigar a relação entre angústia e expectativa tal como desenvolvida no ensino de Jacques Lacan. Para tanto, foi retomado o fio condutor específico dessa questão presente no ensino lacaniano. Assim, a angústia é considerada portando uma possibilidade de solução a partir de sua dimensão de expectativa. Não se trata de evitar, a todo custo, qualquer relação ao desejo, como na fuga; e tampouco de se encontrar em total incapacidade de fazer algo com isso, como no caso do desamparo. Portanto, o caráter de *Erwartung* da angústia habilita uma sustentação em relação ao desejo. Assim, o tratamento psicanalítico pode ser pensado como uma passagem do desamparo à angústia, entendida essa última em sua relação com a expectativa.

Palavras-chave:

Angústia; Expectativa; Psicanálise.

***Erwartung*: anxiety's expectation dimension in psychoanalytic treatment**

Abstract

Based on Freudian thought, Lacan was able to locate a certain relationship between anxiety and expectation, highlighting the German term *Erwartung*. Considering this, the present study aims to investigate the relationship between anxiety and expectation as developed in Jacques Lacan's teaching. To this end, the specific guiding thread of this issue present in Lacan's teaching was revisited. Thus, anxiety is considered to bear a potential solution through its dimension of expectation. It is not about avoiding, at all costs, any relation to desire, as in escape; nor about being entirely incapable of doing anything about it, as in the case of helples-

ness. Therefore, the *Erwartung* character of anxiety enables a support in relation to desire. Thus, psychoanalytic treatment can be thought of as a passage from helplessness to anxiety, the latter understood in its relationship with expectation.

Keywords:

Anxiety; Expectation; Psychoanalysis.

***Erwartung*: el carácter de expectativa de la angustia en el tratamiento psicoanalítico**

Resumen

Desde el pensamiento freudiano, Lacan pudo localizar cierta relación entre angustia y expectativa, destacando el término alemán *Erwartung*. Considerando esto, el presente estudio tuvo como objetivo investigar la relación entre angustia y expectativa tal como fue desarrollado en la enseñanza de Jacques Lacan. Para eso, se revisó el hilo conductor específico de esta cuestión presente en la enseñanza lacaniana. Así, se considera que la angustia tiene una posibilidad de solución a partir de su dimensión de expectativa. No se trata de evitar a toda costa cualquier relación con el deseo, como en el caso de la fuga; ni de encontrarte completamente incapaz de hacer nada con ello, como en el caso del desamparo. Por tanto, el carácter de *Erwartung* de la angustia habilita una sustentación en relación con el deseo. Así, el tratamiento psicoanalítico puede considerarse como una transición del desamparo a la angustia, entendida esta última en su relación con la expectativa.

Palabras clave:

Angustia; Expectativa; Psicoanálisis.

***Erwartung*: la dimension d'attente de l'angoisse dans le traitement psychanalytique**

Résumé

À partir de la pensée freudienne, Lacan a situé une certaine relation entre angoisse et attente. Il a souligné le terme allemand *Erwartung*. En tenant compte de cela, cette étude a pour but d'étudier la relation entre angoisse et attente tel que développé dans l'enseignement de Jacques Lacan. Pour cela, le fil conducteur spécifique de cette problématique présente dans l'enseignement lacanien a été revisité. Ainsi, l'angoisse est considérée comme ayant une possibilité de solution basée sur sa dimension d'attente. Il ne s'agit pas d'éviter à tout prix tout rapport au désir,

comme dans l'évasion ; ni de se retrouver complètement incapable d'en faire quoi que ce soit, comme dans le cas de l'impuissance. La dimension de *Erwartung* de l'angoisse permet donc une sustentation par rapport au désir. Ainsi, le traitement psychanalytique peut être pensé comme une transition de l'impuissance à l'angoisse, cette dernière comprise dans son rapport à l'attente.

Mots-clés :

Angoisse ; Attente ; Psychanalyses.

Introdução

O ensaio freudiano “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926, é um dos marcos cruciais para se pensar a angústia no campo psicanalítico. Nessa obra, entre tantos outros aspectos, a angústia é apresentada como um afeto e como um sinal. Com essas elaborações, Freud (1926-1929/2014) estabeleceu uma distinção entre a angústia realista e a neurótica. Naquela, a situação de perigo seria conhecida e verificável na realidade, enquanto nessa última haveria um perigo não conhecido. Existiriam situações em que o perigo seria conhecido, mas uma angústia excessiva em relação a esse evidenciaria um problema neurótico. Diante disso, entendeu-se que circunscrever a angústia à situação de perigo não seria produtivo, sendo reformulada a questão por meio da indagação pela essência do significado da situação de perigo. Trata-se de se perguntar pelo sentido que a situação de perigo representa para aquele que a experiencia. Tomando por esse ângulo, o que estaria em questão é uma comparação de forças, ou seja, uma avaliação do que pode ser feito em relação a algo. Em última análise, isso revelaria uma impossibilidade, uma admissão de desamparo. Tal situação não seria exclusivamente aguardada sem expectativa, mas esperada em expectativa. Isso configura uma das características essenciais da angústia, isto é, sua relação com a expectativa: “a angústia é, de um lado, expectativa” (Freud, 1926-1929/2014, p. 86).

Expectativa, em alemão *Erwartung* — essa foi a palavra usada por Freud para especificar o caráter da angústia. De fato, em “Inibição, sintoma e angústia”, o termo *Erwartung* foi utilizado 12 vezes. Em seis ocasiões, metade dos usos, foi empregado a fim de se referir às expectativas teóricas (*theoretischen Erwartung*) em relação a um assunto. Porém, nas outras seis vezes em que surge no ensaio freudiano, o termo desponta em sua relação com a angústia, indicando um caminho valoroso a ser considerado. É assim que, no quarto capítulo, a propósito do sintoma fóbico apresentado pelo emblemático caso do pequeno Hans, Freud compreendeu que não se tratava de um medo inespecífico em relação ao cavalo, mas de “angustiada expectativa de que será mordido por ele” (Freud, 1926-1929/2014, p. 24). Para qualificar essa situação, a expressão empregada por Freud foi *ängstli-*

che Erwartung. Por sua vez, na parte B do apêndice desse ensaio, Freud empregou outras cinco vezes a palavra *Erwartung* (expectativa) em sua relação com a angústia, demarcando a fundamental aproximação entre esses aspectos: “A angústia tem uma inconfundível relação com a expectativa: é angústia diante de algo” (Freud, 1926-1929/2014, p. 84).

Isso não passou despercebido por Lacan, que, em seu ensino, atentou-se para essa relação central entre expectativa e angústia. Em especial, foi retomado por ele o termo alemão *Erwartung* (espera/expectativa), empregado por Freud na construção dessa aproximação com a angústia: “A palavra espera assume aqui toda a sua importância, dado o que reencontramos sobre a função da espera, a *Erwartung*” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 442). Foi seguindo esse fio condutor que Lacan retomou a importância do caráter de expectativa da angústia, desenvolvendo maiores elaborações dessa relação essencial na clínica psicanalítica. Considerando esses aspectos, o presente estudo tem como objetivo investigar a relação entre angústia e expectativa tal como desenvolvida no ensino de Jacques Lacan. Para tanto, será retomado o fio condutor específico dessa questão presente no ensino lacaniano.

***Erwartung*: a relação da angústia com a expectativa**

O tema da angústia aparece já nos momentos iniciais do ensino de Jacques Lacan. Foi a propósito de sua análise do caso paradigmático do pequeno Hans que esse assunto surgiu em *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (Lacan, 1956-1957/1995). Trata-se de um caso de zoofobia infantil, em que um menino de 5 anos de idade, chamado ficticiamente de Hans, havia desenvolvido medo de cavalos, em específico de ser mordido por eles. Essa criança era filha de um casal adepto do freudismo, tendo sido o caso acompanhado por Freud por meio de intervenções, sobretudo junto ao pai do menino. O entendimento freudiano situou a fobia como concernente ao temor infantil em relação ao pai, sendo esse medo tributário da conflitiva edípica (Freud, 1909/1990). Distintamente de como havia sido analisado por Freud, o entendimento realizado por Lacan foi de que o objeto fóbico desempenhava uma função em relação à angústia de ser assujeitado pelo Outro materno (Lacan, 1956-1957/1995).

É ao encontro disso que, em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Lacan (1957-1958/1999) prosseguiu a questão da angústia no fio condutor do assujeitamento. Para tanto, retomou a exemplificação por meio do caso emblemático de Hans: “a angústia do Pequeno Hans era, essencialmente, como eu lhes disse, a angústia de um assujeitamento” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 196). É na medida em que o sujeito pode encontrar-se tomado como aquilo que falta ao Outro, como identificado ao desejo do Outro, que ele se situa em determinada posição de assujeitamento. O estado avassalador, portanto, ante o qual o sujeito pode en-

contrar-se desamparado, diz respeito ao desejo do Outro. É no rastro desse funcionamento que foi possível a Lacan reler a angústia de Hans: “Ele é assujeitado, e essa é toda a fonte de sua angústia” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 199). A função do medo foi igualmente retomada como sendo uma tentativa de produzir segurança ao sujeito. O objeto fóbico encontraria seu valor, portanto, como um “elemento de asseguaração” na busca de compor um para-além ao assujeitamento.

Por sua vez, em *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958-1959/2016), seguindo o que já havia desenvolvido nos anos anteriores, abordou-se o aspecto defensivo do objeto fóbico. O medo do objeto fóbico se revela como tendo o efeito de proteger o sujeito do caráter ameaçador do desejo: “serve para proteger do surgimento de uma angústia que é mais temível que o medo fixo da fobia” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 455).

Nesse mesmo seminário, Lacan argumentou que Hans teria vivenciado determinada crise concernente àquilo que foi nomeado de desamparo do sujeito (*Hilflosigkeit*). Nesse estado, o sujeito se encontra sem recursos ante o desejo do Outro. É essa qualificação de “sem recursos”, promovida por Lacan, que suscitou haver uma distinção entre essa condição de desamparo e a angústia: “Essa posição de estar sem recursos (...) é mais primitiva que tudo, mais primitiva que a angústia, que já é um esboço de organização” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 455). Esse entendimento foi forjado pelo cotejamento dos verbos *abwarten* e *erwarten*, empregados por Freud em seu trabalho “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926: “É a diferença entre *abwarten*, que tentarei traduzir por *padecer, não ter o que fazer, suportar, e erwarten*, que é *ficar na expectativa de*” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 143).

Com isso, nesse seminário, a angústia despontaria como um sinal em relação a esse desamparo, marcando já haver uma distinção entre o estado de “não ter o que fazer” e de “expectativa”. Para tanto, Lacan propôs uma relação entre o substantivo alemão *Erwartung* — expectativa — e a angústia. Essa corresponderia a um sinal, minimamente organizado, em relação ao desamparo no qual o sujeito estaria sem total recursos: “a angústia se produz como um sinal no eu, com base na *Hilflosigkeit* que, como sinal, ela é chamada a remediar” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 27). O sujeito estaria à mercê do desejo do Outro, advindo a angústia como um sinal disso. Porém, ela já surge perante determinada organização mínima, diante de certa expectativa, ainda que vaga, mas, mesmo assim, presente. Essa expectativa, como indicado, vem remediar o estado avassalador de se encontrar assujeitado ao desejo do Outro. Portanto, há uma diferenciação existente entre a ausência de qualquer possibilidade, no estado de desamparo, e a organização de uma expectativa presente na angústia. A angústia se relacionaria com a espera, ainda que não fosse possível indicar de que exatamente. Ela não diria mais respeito a estar de forma incapaz perante o desejo do Outro, mas corresponderia a uma possibilidade, de modo a indicar uma expectativa, uma direção, ainda que difusa.

Essas questões foram retomadas pontualmente no ano seguinte, em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (Lacan, 1959-1960/2008). Aqui, a angústia foi compreendida como uma “proteção” desenvolvida em relação ao estado prévio de desamparo. A novidade acrescida nesse seminário foi a de colocar a direção da cura nos termos da passagem do desamparo para a angústia. O término de um tratamento foi pensado como implicando uma travessia de *Abwarten* a *Erwartung*, isto é, do desolamento total de estar sem qualquer possibilidade a uma expectativa e espera de algo: “Ao término da análise didática o sujeito deve atingir e conhecer o campo e o nível do desamoramento absoluto, no nível do qual a angústia já é uma proteção, não *Abwarten*, mas *Erwartung*” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 356).

A relação entre expectativa e angústia ganhou ares de grande relevância, visto que a essa vinculação foram associados o próprio término da análise e, por conseguinte, a condução do tratamento. A lógica dessa proposta reside na função remediadora e protetiva advinda do caráter de expectativa da angústia. O tratamento psicanalítico poderia ser pensado como uma travessia da impossibilidade à expectativa. Isso corresponderia a uma mudança da posição do sujeito em relação ao desejo do Outro. É diante disso que compete ao psicanalista intervir com o intuito de que o analisando não permaneça nesse estado de impossibilidade total, mas possa advir alguma organização, ainda que mínima, em relação ao desejo, promovendo determinado amparo e, simultaneamente, alguma direção que retire o sujeito do desamparo.

Alegando ter desenvolvido uma madura reflexão a propósito desses assuntos, em *O seminário, livro 8: a transferência*, Lacan (1960-1961/2010) discorreu que buscava articular com maior precisão a questão da angústia. Foi nesse contexto que, entre outros aspectos, compreendeu a angústia como um sinal diante de um perigo, como um indicativo de alerta. Nisso, haveria uma função protetiva em alardear o risco iminente que estaria por vir. Nesse seminário, o diferencial estabelecido foi propor que, para além de ser um sinal, a angústia mantém, concomitantemente, uma relação com o objeto de desejo: “O sinal de angústia tem uma ligação absolutamente necessária com o objeto de desejo. Sua função não se esgota na advertência de ter que fugir” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 444).

A distinção entre a angústia e o desamparo foi retomada nesse escopo, sendo acrescido outro termo: fuga. Nessa proposição, a angústia se situaria entre o tempo de desamparo e a fuga. Não se confundiria com nenhum deles, conservando seu caráter de relação com a expectativa:

No *Hilflosigkeit*, o desamparo, o sujeito é pura e simplesmente transtornado, ultrapassado por uma situação eruptiva que não pode enfrentar de modo algum. Entre isso e empreender a fuga (...) existe uma outra solução, e é o que Freud nos indica sublinhando na angústia seu caráter de *Erwartung*. (Lacan, 1960-1961/2010, p. 445)

Trata-se, pois, de algo razoavelmente fronteiro, mas distinto da situação de desamparo e de fuga. Ainda que se constitua em relação ao desamparo, já se revela portando, em alguma medida, um pouco de possibilidade, propiciando ao sujeito um mínimo de recursos, a fim de instituir alguma solução. Todavia, distingue-se da escapatória total do risco iminente que vinha a sinalizar. É nisso que o termo *Erwartung* ganha destaque em relação à angústia, considerando que essa não foge totalmente do que anuncia. Ao contrário, a angústia contém determinada expectativa e espera. Ela sinaliza e conserva, ao mesmo tempo, uma relação ao desejo, não se evadindo desse: “Seu caráter essencial é o *Erwartung*, e é isso o que designo a vocês ao dizer-lhes que a angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 445).

Haveria outras possibilidades de sustentar uma relação com o desejo. Aquela que foi concebida como mantendo o desejo insatisfeito, caracterizada na histeria; e a modalidade que institui o desejo como impossível, típica da obsessão. Por sua vez, haveria um modo específico, que se relacionaria com o desejo passando pela angústia, sendo nomeado por Lacan de a forma mais radical da neurose, a saber, a fobia. Desse modo, a fobia funcionaria de modo a sustentar uma relação com o desejo na forma da angústia: “A fobia é realmente a manutenção da relação com o desejo na angústia” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 446).

Em sua análise, Lacan considerou a posição do sujeito diante do Outro. Advertiu que, em determinada relação, o sujeito sucumbiria, se a angústia não surgisse. Ela advém, como se tem salientado neste estudo, em seu caráter de expectativa, mobilizando o sujeito a propiciar alguma espécie de solução diante da ameaça do total assujeitamento ao Outro. É nesse cenário que, ante a angústia, o objeto fóbico exerce uma função de sintetizar em si infinitas possibilidades de aspectos temerosos. Para além disso, o objeto fóbico permite “manter uma certa função em falta ou deficiente, que é justamente diante do que o sujeito sucumbiria se não surgisse, naquele lugar, a angústia” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 445). Há, portanto, o indicativo de que o objeto fóbico produz uma falta que estaria faltando, a qual a angústia vem sinalizar. Esse entendimento de que a angústia anuncia quando a falta vem a faltar viria a ser amplamente desenvolvido, em dois anos, no seminário dedicado à problemática da angústia.

À vista disso, Lacan problematizou a indisponibilidade de se ocupar uma posição de angústia na análise. Nesse caso, não seria oportuno e bem-vindo se haver com a angústia. Tudo seria feito a fim de evitar a angústia. Inclusive o desejo seria empregado com o intuito de evadir-se da angústia, ainda que isso pareça paradoxal. Há, desse modo, uma distinção entre aquilo que foi chamado de um “apoio encontrado no desejo” e a própria relação com o desejo no campo do Outro. Naquele caso, o sujeito buscaria sempre manter ao alcance um “pequeno desejo bem-provido” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 451). Para não lidar com a relação ao desejo

que a angústia anuncia, um efeito de apoio de qualquer desejo é posto em causa. Seria mais fácil lidar com esse formato de apoio, ainda que seja incômodo ou gere culpa, do que com a angústia, que, vale a pena lembrar, não especifica o objeto de desejo, mas aborda a expectativa da relação a ele. É dessa especificidade sutil que Lacan buscou advertir os psicanalistas: “não é do expediente do desejo, mas de uma certa relação com o desejo” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 451). Desse modo, é relevante, no manejo clínico do psicanalista, considerar o caráter de expectativa da angústia. Na condução do tratamento, é preciso estar advertido de que não se trata de o analisando permanecer desamparado, mas tampouco de ser movido simplesmente por um apoio a um desejo em particular que pode estar a serviço de evitar a angústia. O que está em questão é a relação com o desejo, e não um desejo específico em si.

O ponto de ênfase, ensinado por Lacan, não diz respeito a compreender a relação do sujeito com o objeto de desejo tomando esse último como algo em específico. Em contraposição a isso, trata-se de “um objeto com que estamos numa relação de *Löslichkeit*” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 445), palavra que em alemão significa solubilidade. Implica uma relação a um objeto que se dissolve, que escapa em ser precisado e que está sempre alhures. É precisamente por esses aspectos que a angústia mantém uma relação com o desejo. O próprio da angústia é sustentar uma relação com o objeto na expectativa, sobretudo se é dado o devido destaque ao objeto em sua característica de solubilidade. Portanto, é pela condição de o objeto se dissolver que o sujeito tem que lidar com aquilo que resta. Na angústia, é esperando em expectativa em direção ao objeto que uma relação com o desejo é sustentada. Assim, a posição de angústia, que Lacan compreendeu ser necessária e bem-vinda à análise, não busca propiciar um desejo dito bem-provido que aplaque rapidamente o mal-estar. Ao contrário, trata-se de uma posição relevante de expectativa e espera (*Erwartung*) fundamental na elaboração de possibilidades em relação ao desejo.

Ainda que tenha sido comentada apenas brevemente, a relação entre expectativa e angústia também se fez presente no seminário dedicado a esse último conceito. Na lição de 19 de dezembro de 1962, em *O seminário, livro 10: a angústia*, Lacan (1962-1963/2005) retomou o termo *Erwartung* em sua conotação de expectativa. Nessa ocasião, ratificou *Erwartung* como o primeiro recurso minimamente organizado para além do desamparo, tendo formulado se tratar de uma possibilidade de enquadramento da angústia. Embora não exclusiva, a relação entre expectativa e angústia se manteve nas formulações lacanianas específicas à angústia. Com efeito, assegurou que “a expectativa pode servir” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 87) para enquadrar a angústia, apesar de essa não ser reduzida à sua relação com aquela.

Com isso, entende-se que, seguindo esse fio condutor da relação entre angústia e expectativa, é possível compreender o valor de destaque dado a essa questão no ensino de Lacan. Entre diversos outros pontos, a angústia pode ser considerada em sua dimensão de expectativa como uma possibilidade de direção do tratamento. No caráter de expectativa da angústia está em pauta a dimensão da espera, de um posicionamento que retira o sujeito do desamparo e o coloca em movimento. É nesse sentido que a relação entre expectativa e angústia aponta para uma possível saída. Implica lidar com a questão do desejo do Outro, sem, contudo, ficar à mercê e tampouco evadir-se desse.

Conclusão

Este estudo buscou investigar a relação entre angústia e expectativa tal como desenvolvida no ensino de Jacques Lacan. Para tanto, foi retomado o fio condutor específico dessa questão presente no ensino lacaniano. Em seu ensino, Lacan defendeu que a angústia exerce uma função de sinal muito relevante na prática clínica dos psicanalistas. Corresponde a um sinal que adverte de aspectos cruciais na relação do sujeito ante o desejo do Outro.

A angústia não se confunde com o desamparo. Aquela desponta como um sinal minimamente organizado de expectativa, mesmo que não se consiga precisar de quê. Prévio à angústia estaria esse estado de desamparo, no qual o sujeito estaria totalmente sem possibilidades e, portanto, sem recursos ante o desejo do Outro. Assim, Lacan discorreu sobre a angústia como portando uma sorte de solução a partir de sua dimensão de expectativa. Essa solução foi indicada estar entre o desamparo e a fuga. Ora, não se trata de evitar, a todo custo, qualquer relação com o desejo, como na fuga; e tampouco de se encontrar em total incapacidade de fazer algo com isso, como no caso do desamparo.

Também não seria da ordem de um desejo pronto a ser tomado, a fim de não se angustiar no tratamento. É da ordem da relação com o desejo, não do objeto em específico, que se trata. Esse último tem caráter de solubilidade, ou seja, dissolve-se e escapa, estando sempre em outro lugar. É ao encontro disso que uma posição de espera em relação ao que resta do objeto se configura como produtora por via do caráter de expectativa da angústia. É nesse sentido que é plausível considerar o valor da angústia na direção do tratamento, levando-se em conta que essa desempenha uma função mobilizadora. Portanto, o psicanalista precisa estar advertido de que, eventualmente, algum objeto de desejo pode estar desempenhando uma função de propiciar um evitamento da angústia e, por conseguinte, de o analisando se haver com sua relação com o desejo.

Concernente a isso, compreendeu-se que o caráter de *Erwartung* da angústia habilita uma sustentação em relação ao desejo. Assim, o tratamento psicanalítico

pode ser pensado como uma passagem do desamparo à angústia, entendida essa última em sua relação com a expectativa. Não se trata de banalizar, no sentido comum do termo, a angústia. Tampouco corresponde a pessoas que buscam tratamento e, nesse percurso, precisam sofrer mais como um imperativo da análise, como se a verdade do desejo adviesse disso. Como ressaltado, a angústia não é uma situação de desamparo na qual não há possibilidades e o sujeito se encontra sem recursos. Ao contrário, trata-se de uma condição de expectativa, que visa a encontrar soluções, sem, contudo, evadir-se da relação com o desejo.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1990). Análisis de la fobia de un niño de cinco años (J. Etcheverry, Trad.). In J. Strachey (Org.), *Obras completas* (Vol. 1, pp. 13-118). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos* (Vol. 1, pp. 9-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926-1929)
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2005). O que não engana. In J. Lacan, *O seminário, livro 10: a angústia* (pp. 81-94). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959)

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024